

Educação para a Liberdade: Uma Visão Luterana

Albérico Baeske

“O livre libertado” (Martim Lutero)

ou

“O homem novo, não mais opressor nem oprimido” (Paulo Freire)

O tema aponta para o essencial da confissão evangélica luterana. Estamos sendo chamados para a liberdade – este é o centro da pregação de Paulo e João e de Martim Lutero. Mas, o que se entende por liberdade?

LIBERDADE POLÍTICA

Evangélicos luteranos nas mais diversas épocas e regiões se bateram e batem pela liberdade política dos seus povos e de outros, não poucos através de luta armada. Exemplos:

- o próprio Lutero exigiu a independência da Alemanha do estrangeiro e no fim da vida se preocupou bastante com a liberdade do país no futuro;
- a primeira nação que aboliu – 15 anos antes da segunda, a Inglaterra – a escravatura e o tráfico de escravos foi a Dinamarca, que havia aceito a Reforma; já o primeiro missionário protestante, oriundo da Europa Continental, um evangélico luterano que trabalhou em uma colônia na Índia (morreu em 1719), combateu a escravidão de forma que, em 1742, não se admitiu pessoa envolvida em tráfico de escravos na preparação para o Batismo;
- os líderes do levante sangrento dos húngaros, contra a ocupação austríaca aliada aos russos, no século passado, foram todos evangélicos luteranos, entre eles pregadores leigos;
- durante a Segunda Guerra Mundial bispos e teólogos evangélicos

- luteranos, na Noruega e mesmo na Alemanha, participaram da resistência ativa à tirania hitlerista;
- em nossos dias, grande parte dos integrantes do movimento popular na Namíbia contra o regime racista da África do Sul são evangélicos luteranos, e na sua coordenação há pastores.

LIBERDADE SÓCIO-ECONÔMICA

Evangélicos luteranos de diferentes tempos e partes do mundo – na sua frente, Martim Lutero – se engajaram e engajam pela liberdade sócio-econômica. Alguns informes:

- Lutero reclamou fortalecimento da agricultura em detrimento do comércio; auto-suficiência econômica para o país; estabelecimento de preços mínimos para alimentos básicos e desapropriação de padaria que vendia caro em época de escassez; término da importação de supérfluos; proibição dos cartéis e exclusão do intermediário; transformação de edifícios eclesiásticos ociosos em asilos, escolas, hospitais e armazéns. Ele ensinou servir ao bem comum (providenciando pão, trabalho e educação para todos) como critério decisivo tanto para a atuação das autoridades quanto para a valia ou não da profissão do cidadão. Ele declarou atentório ao Sétimo Mandamento o mercado livre sem limites e a cobiça de ter. Qualificou de anti-cristão cobrar mais que 4% de juros ao ano.

(Não admira que Karl Marx em “O Capital” cite, como único teólogo, Lutero, e os marxistas contemporâneos chegam a fazer descobertas nele que deixam muita “gente luterana” perplexa);

- na época da Reforma, e ainda depois, pregadores evangélicos luteranos conclamaram a não se pagasse juros e responsabilizaram os que “querem ser ricos, custe o que custar” pela opressão social e anarquia econômica, e denunciaram a Guerra dos 30 Anos como “fruto do ateísmo”; curas d’alma e juristas junto a reis e duques evangélicos luteranos insistiram a que o bem comum se antepusesse ao bem individual dos grandes; na Suécia, evangélica luterana, os colonos foram considerados “o campesinato de Deus”; universidades evangélicas luteranas na Alemanha denunciaram a servidão (“Leibeigenschaft”) dos aldeões e sublinharam o direito antiquíssimo de homem do campo sobre o recente dos fidalgos; mestres evangélicos luteranos de direito público sugeriram co-participação das diversas classes no governo e encareceram que funcionários públicos têm de criticar autoridades despóticas e não se deixar usar como seus instrumentos;

- a Suécia estatizou, no fim do século XVII, a produção do pão; entre eslovacos, estonianos e lituanos evangélicos luteranos, desde sempre, estiveram em voga pensamentos, movimentos e práticas socialistas; os evangélicos luteranos na Tansânia, bastante antes da independência, exerceram, no seu meio, formas tribais de um socialismo africano;
- na atualidade, a Federação Luterana Mundial publicou questionamentos contundentes acerca da perniciosidade do mercado livre bem como da propriedade privada; durante a sua VI Assembléia Geral (1977) se falou em “revolução justa” como última saída para povos mantidos em situações insuportáveis e a VII (1984) suspendeu a participação de duas igrejas que não se distanciaram da **Apartheid** em prédica e prática comunitária.

LIBERDADE DE EXPRESSAR-SE, RACIOCINAR, CRIAR E VIVER COM SIMPLICIDADE

Evangélicos luteranos conhecem ainda outras formas de liberdade. Embora o espaço aqui concedido impossibilite um desdobramento, a sua crescente importância força a mencioná-las. Evangélicos luteranos estão sendo inspirados por Martim Lutero em relação à liberdade.

- de expressar idéias e crenças. Enquanto na época católicos romanos e presbiterianos procederam segundo a tradição de que “se falsificador de dinheiro merece a morte tanto mais aquele que seduz almas”, Lutero contrapôs: “Deixem-nos (os heréticos, inclusive os seus adversários) pregar, desimpedido, o que e contra quem quiserem. Precisam existir separações e a Palavra de Deus tem que guerrear. Deixem os espíritos se chocarem e se atacarem”. Também antecipou dinheiro para que um opositor publicasse críticas a ele. Mais tarde, na noite de núpcias de Lutero, o acolheu em sua casa;
- de usar bom senso e raciocínio na convivência humana. Lutero estimulou o espírito solidário e o auxílio mútuo entre os habitantes da mesma localidade. Ele asseverou que, para a organização da sociedade civil, urge aprender de pagãos e até dos turcos – inimigos de morte da Igreja e da civilização ocidental de então – que achou menos corruptos e mais dedicados e sábios no tocante à estratificação do bem comum do que os cristãos;
- de criar, mormente na educação. Lutero viu nesta, “ao lado da pregação do Evangelho”, a tarefa “mais útil, a maior e melhor”,

afirmando “desconhecer qual das duas afinal é melhor”, exigindo escolas públicas gratuitas e para ambos os sexos e tendo como meta ensinar a servir aos concidadãos e não conseguir riquezas através deles (“Dienen nicht verdienen”). Com o Catecismo Menor, em prédicas e livretos deu impulsos para uma pedagogia orientada pelas faixas etárias, ressaltando o valor das brincadeiras, inclusive dos pais com os filhos, e destacando no currículo a história, as línguas e, sobretudo, a música, “depois da teologia, a rainha do coração humano”, “odiada pelo diabo” e “desprezada pelos entusiastas (fundamentalistas, inclusive Calvino com os seus adeptos)”. Daí se compreende que Johann Sebastian Bach fora evangélico luterano rigoroso e que as primeiras fábricas de brinquedos surgiram em regiões evangélicas luteranas da Alemanha;

- de viver modestamente, pobre, sem inveja. Lutero nunca cobrou um tostão pelas suas centenas de publicações: “De graça recebi, de graça dou”; quando catedrático solteiro ficou sem remuneração, só como pregador percebeu algo que não lhe permitiu comprar uma nova batina, enquanto os seus colegas universitários ganhavam de 6 a 11 vezes mais. Ao casar, apenas teve duplicado o salário, de modo que arrumou um torno mecânico e foi aprender a tornear, para eventualmente manter a família.

EVANGÉLICOS LUTERANOS NO BRASIL?

Conhecemos evangélicos luteranos nas nossas comunidades e escolas e no Brasil

- que descobriram o sentido da sua existência no serviço ao bem comum e à liberdade dos oprimidos?
- que, por conseguinte, optam por vida simples, recusando ofertas vantajosas e resistindo a dependências emocionais à terra de origem e família, que os pretendem dissuadir disto?
- que são criativos e estimulam a criatividade onde quer que seja, sobretudo na subjugação da ganância?
- que defendem a livre expressão de pensamentos e convicções, combatendo censura e patrulhamento ideológico?
- que usam a razão e análises científicas para a estruturação de uma sociedade participatória, distributiva e igualitária, aprendendo dos que – como se dizia – subvertem moral e religião da gente?
- que batalham pela proibição dos monopólios e dos atravessadores, pela desapropriação dos exploradores e eliminação do mercado livre?

– que lutam pela organização popular a partir das bases e pela justa revolução?

A SOMA DA VIDA CRISTÃ

Se eles existem entre nós – como existem em outras plagas e existiram em todos os séculos – é porque crêem, como Martim Lutero formulou:

“Um cristão é um livre senhor de tudo e de todos e não é sujeito a ninguém. / Um cristão é um servo solícito de tudo e de todos e sujeito a cada um”.

Aí temos “toda a soma da vida cristã” (Lutero); o seu fundamento e a sua meta: libertados, evangélicos luteranos são convertidos em descobridores e criadores, defensores e promotores das liberdades acima arroladas. Ao empenhar-se por elas é que a sua libertação chega ao termo. Começa, pois, com a sua libertação, sem ela nada feito. Libertação de que? Lutero: “De todos os pecados, da morte e do poder do diabo”.

LIVRES DOS PECADOS, DA MORTE E DO DIABO

Libertação “de todos os pecados” é ser livre do seu passado e do seu clã, da sua formação e consciência, por conseguinte, alegre e pronto para atitudes e ações – conforme as circunstâncias, arriscadas – que promovem a vida humana aqui e hoje. No meio da luta, evangélicos luteranos notam que, muitas vezes, é impossível fugir da culpa. Entretanto não se esquivam por ter certeza do perdão que Deus concede àqueles que se tornam culpados por responsabilidade pública e não por leviandade individualista.

Libertação “da morte” é esperar contra qualquer esperança. Evangélicos luteranos mostram que os mecanismos da preocupação e do medo na sociedade mantêm as pessoas conformadas. Eles esclarecem que o poder de uns vive do obscurantismo dos outros. Desmascaram o embotamento, o pavor e a morte como contrarrevolucionários. Professam que a morte jamais é o fim; e clarividência, privilégio de ninguém. Indicam para a história onde punhados de conscientizados destemidos iniciaram a conquista das liberdades fundamentais universais, porque agiram diferente do que os respectivos opressores pensaram que agiriam.

Libertação “do poder do diabo” é ser livre das próprias inclinações, instintos e padrões. Evangélicos se confessam valorizados sem o demonstrativo do seu possuir e produzir. Consideram

sinal de escravidão vangloriar-se da sua obra. Não cuidam da sua imagem, pois sabem que quem o faz acaba virando infrutífera estátua de sal. Por isso são os indicados para enfrentar situações e integrar missões que não conferem honras, embora sejam imperativas para alcançar a sociedade participatória, distributiva e igualitária.

OS LIVRES LIBERTADOS

Resumindo: libertado quer dizer “livre da própria liberdade” (Moltmann), desistir daquilo a que se tem direito para efetuar o que promove o próximo, abandonar a si mesmo para se dar “com corpo, bens e honra” (Lutero) ao semelhante. É ser “livre libertado”, como Lutero assinou cartas suas. Em colocações de Paulo Freire: ser “livre do querer ser opressor”, “homem novo, não mais opressor nem oprimido”, dialogante que “não impõe, não maneja, não domestica, nem sloganiza”; ter humildade e paciência revolucionárias; ser o revolucionário na revolução que transforma de fato a estrutura e quadro de miséria e não só troca de posições opressores e oprimidos.

COMO SURGEM OS LIVRES LIBERTADOS

Como surgem livres libertados, os militantes pela transformação radical do que está aí? Na comunhão com Jesus Cristo. Esta se dá onde ele compartilha a sua vida, a sua palavra, o seu corpo e sangue – na sua comunidade. Então ocorre que ele gera e acompanha a pessoa que assume arriscar ser para o próximo “um ‘Cristo’ tal qual Cristo se tornou para ela” a fim de “salvá-lo material e espiritualmente” (Lutero), sim para “enfrentar a própria morte por amor de algum irmão” (v. Zinzendorf).

Tal se pode ensinar? Não sei, mas animar a se expor para que o aconteça consigo – isto é possível. Certamente mais com exemplo de vida e menos com sermões! Encoraja-se para a vivência livre libertada narrando da vida de livres libertados. O que nunca se pode é obrigar.

Uma vez que neste particular importam sensibilidade psicológica e métodos pedagógicos populares convém supor que professores evangélicos luteranos – em virtude da sua experiência de “educadores que já não são os que apenas educam, mas os que, enquanto educam, são educados, em diálogo com os educandos que, ao ser educados, também educam” (Freire) – deverão conscientizar mais do que pastores.